

# CORREIO DO VOLTA

Semanario  
independente, noticioso e litterario  
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
na Typographia A. P. Vasconcellos, Suc.  
Rua de S. Noronha, 51  
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:  
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES  
Editor—José Ferreira de Magalhães

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
NA  
RUA DE S. MIGUEL N.º 36  
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceta collaboração que não seja sollicitada.

## Situação politica

Dentro do partido republicano, que, pelo menos aparentemente, até ha pouco se conservou unido, começam a accentuar-se duas correntes bem definidas: a conservadora e a radical. A primeira tem por chefes Antonio José d'Almeida e Brito Camacho; a segunda, Affonso Costa e Bernardino Machado. Na lucta, que entre ellas se travou a proposito da eleição presidencial, venceu a conservadora. O paiz acolheu bem este triumpho. Apenas os elementos demagogicos, em geral turbulentos e desorientadores, ousaram gritar nas ruas do Porto—abaixo Manuel d'Arriaga!, o que corresponde a terem gritado—abaixo a Republica!, porque Arriaga a representa legitimamente.

O que se passou no Porto pôde repetir-se, e com maior gravidade, noutros pontos do paiz. Depende isto, parece-nos, de no novo governo, não entrarem elementos das duas facções.

Mal se viram probabilidades de vencer a candidatura de Manuel d'Arriaga, começou logo dizer-se que o ministerio seria constituído exclusivamente por elementos conservadores. Puzemos de reserva esta versão que a demora em organizar gabinete não confirma.

Trata-se, cremos nós, de formar um ministerio mixto, o que será uma garantia de que as Camaras não irão passar o tempo em discussões irritantes e compromettedoras da independencia nacional.

A organização d'um ministerio exclusivamente conservador levaria o paiz a suppôr que as duas correntes que se accentuam no partido republicano não foram determinadas pela diversa maneira de encarar os varios problemas nacionaes, mas sim por questões e interesses de mero caracter pessoal.

E, deste modo, nós teriamos repetido no começo da Republica o que se deu nos ultimos tempos da Monarchia. Reabertas as Camaras, não se trataria de rever, conscienciosamente, a obra do Governo Provisorio, mas o sr. Affonso Costa gastaria largas sessões a berrar contra o sr. Antonio José d'Almeida e este, por sua vez, largas sessões gastaria a desancar o seu rival.

Dado o exemplo pelos chefes, era puchar cadeiras e assistir á repetição correctea e augmentada do spectaculo vergonhosissimo que os monarchicos representaram nos ultimos annos do seu dominio.

Para bem da Republica e da Nação não ha-de acontecer assim. Confiamol-o, neste momento, de Manuel d'Arriaga, homem experimentado, sereno e bom, de quem jámais se apoderou o sentimento do odio e que, por isso mesmo, não terá duvida em chamar para seus colaboradores os elementos radicacs, se realmente entender que elles devem fazer parte do novo governo.

Realisar-se-ha, assim, a nossa maneira de ver, que de modo nenhum significa que não reconhecemos a necessidade de os republicanos se fiscalisarem mutuamente.

Devem fazê-lo e pôdem fazê-lo, desde que o Congresso e o Senado sejam constituídos por homens livres, com a consciencia dos seus deveres, que não deixem prender-se pelo criterio estreito do partidarismo, tal como se entendia entre os monarchicos, que aprovavam ou reprovavam, conforme as ordens do chefe.

Não acontecerá outro tanto com os republicanos que hão-de lembrar-se de que triumpharam, principalmente á custa dos erros dos monarchicos, e de que se estes não perderem o paiz, elles o perderão, se enveredaram pelo mesmo caminho.

## PRESIDENTE DA REPUBLICA

### Notas biographicas

O sr. dr. Manuel d'Arriaga nasceu na Horta em 1841.

Tendo-se matriculado na Universidade de Coimbra, onde terminou o curso de direito, foi para Lisboa, abrindo alli banca de advogado e salientando-se desde logo como poeta, orador e jurisconsulto distincto.

Concorrendo pouco depois á 10.ª cadeira da Escola Politechnica, publicou em 1886 a sua dissertação «Sobre a unidade da familia humana debaixo do ponto de vista economico».

Durante annos regeu com notavel proficiencia a cadeira de inglez no Lyceu de Lisboa, tendo sido um dos vogaes da commissão creada por decreto de 1876 para a reforma de instrucção secundaria, havendo o seu projecto sido aprovado na generalidade pelo conselho do Lyceu.

Em 1882 os democratas funchalenses elegeram-no deputado, sendo essa eleição recebida com geral agrado em todo o paiz. Des-

de então o nome do dr. Manuel d'Arriaga tornou-se popularissimo, sendo sempre aclamado, quer em comicios publicos e sessões de centros republicanos, quer nos tribunaes.

Deve-lhe o partido republicano relevantissimos serviços, entre os quaes se destaca a sua nobre attitude quando nos congressos de 1887 se discutiu com ardor se o partido republicano deveria ou não fazer accordos, eleitoraes ou quaesquer outros, com os partidos monarchicos, sobretudo com a *esquerda dynastica*, de que era chefe o fallecido Augusto Cesar Barjona de Freitas.

O sr. dr. Manuel d'Arriaga conseguiu nessa occasião fazer regeitar, por vinte e cinco votos contra vinte, a proposta do accordo e no congresso de dezembro d'esse mesmo anno fazer approvar, por cincoenta e seis votos contra cincoenta, a seguinte moção:

«O partido republicano portuguez, reunido em congresso extraordinario, afirma a sua incompatibilidade e absoluta insignificancia com qualquer grupo, facção ou partido monarchico, e passa á ordem dos trabalhos.»

Em 1889 apresentou ao congresso juridico o relatório «These.—O systema penitenciario, quando exclusivo e unico, abrangerá os phenomenos mais importantes de criminalidade, e, não os abrangendo, converter-se-á numa instituição contraproducente e nefasta?»

Como deputado o sr. dr. Manuel d'Arriaga salientou-se sobremaneira, pronunciando, na camara, discursos brilhantissimos em que a par do brilho da forma, demonstrou sempre grande elevação de ideias.

O sr. dr. Manuel d'Arriago desce de uma familia distinctissima que monta a João d'Arriaga, nascido em Buiona em 1652, o qual tivera carta de braço d'armas, dizendo-se nella que os Arriagas, pouco tempo depois do diluvio, aportaram a San Sebastian, hoje celebrada estação balnear, tendo o seu solar no logar de Alzi. Um descendente de João d'Arriaga, de nome Sebastião, obrou taes proezas em Navas de Tolosa que o seu escudo heraldico foi ornado com a Cruz Vermelha, a Cruz de Góles e a Cruz de Calatrava.

Um outro descendente de João d'Arriaga foi ouvidor das justicas em Macau, cujas attribuições eram então latissimas, prestando alli relevantissimos serviços, especialmente quando em 1810 os inglezes occuparam Macau.

O irmão primogenito do ouvidor Manuel José d'Arriaga Brum da Silveira que foi desembaagador do Paço, moço fidalgo, intendente geral da Policia do Reino e o primeiro deputado que as ilhas do Faial e Pico elegeram ao congresso de 1821, não teve descendentes directos, passando os vinculos da casa Arriaga Brum da Silveira para seu sobrinho Sebastião d'Arriaga, ultimo morgado d'esta familia.

O outro irmão do celebre ouvidor foi o general Sebastião José d'Arriaga Brum da Silveira, afilhado de baptismo dos primeiros marqueses de Pombal, que tomou

parte na guerra peninsular, pelo que foi condecorado pelos governos inglez e portuguez. Casou com D. Maria da Piedade Cabral da Cunha Godolfim de la Rocca, de quem houve: Sebastião José d'Arriaga Brum da Silveira e Peyrelongue, pae do sr. dr. Manuel d'Arriaga; D. Eugenia d'Arriaga, casada com João Carlos Mardel Ferreira; D. Maria da Piedade de Arriaga, solteira e que em idade avançada, falleceu, ha mezes, no convento da Encarnação, em Lisboa; e D. Francisca d'Arriaga, casada com José da Cunha Brum Terra e Silveira, ultimo morgado de Sant'Anna, na ilha do Faial.

D. Maria da Piedade Cabral da Cunha Godolfim de la Rocca, avó do sr. dr. Manuel d'Arriaga, era 15.ª neta de el-rei D. Affonso III e descendente duas vezes do rei de Leão, Ramiro II, 2.ª neta de Fernando de Castella e 23.ª neta de Hugo Capeto, conde de Paris e d'Orleans.

## Constituição Politica da Republica Portugueza

Projecto n.º 3, tal como foi approvedo pela Assembleia Nacional Constituinte na discussão terminada na sessão nocturna de 13 de agosto de 1911, com as alterações feitas para a redacção final pelas commissões de redacção e constituição e pelos auctores das emendas.

(CONTINUAÇÃO)

28.º O sigillo da correspondencia é inviolavel.

29.º E' reconhecido o direito á assistencia publica.

30.º Todo o cidadão poderá apresentar aos poderes do Estado reclamações, queixas e petições, expôr qualquer infracção da Constituição e, sem necessidade de prévia auctorisação, requerer perante a auctoridade competente a effectiva responsabilidade dos infractores.

31.º Dar-se-ha o «habeas corpus» sempre que o individuo soffrer ou se encontrar em imminente perigo de soffrer violencia, ou coacção, por illegalidade, ou abuso de poder.

A garantia do «habeas corpus» só se suspende nos casos de estado de sitio por sedição, conspiração, rebelião ou invasão estrangeira.

Uma lei especial regulará a extensão d'esta garantia e o seu processo.

32.º A qualquer empregado do Estado, de corpos administrativos ou de companhias que tenham contractos com o Estado, é garantido o seu emprego, com os direitos a elle inherentes, durante o serviço militar a que fôr obrigado.

33.º O estado civil e os respectivos registos são da exclusiva competencia da auctoridade civil.

34.º Se alguma sentença criminal fôr executada, e vier a provar-se, depois, pelos meios legaes competentes, que foi injusta a condemnação, terá o condemnado, ou

os seus herdeiros, o direito de haver reparação de perdas e danos, que será feita pela Fazenda Nacional, precedendo sentença nos termos da lei.

35.º Fóra dos casos expressos na lei, ninguém, ainda que em estado anormal das suas faculdades mentaes, pôde ser privado da sua liberdade pessoal, sem que preceda auctorisação judicial, salvo caso de urgencia devidamente comprovado e requerendo-se immediatamente a necessaria confirmação judicial.

36.º Toda a pessoa internada ou detida num estabelecimento de alienados ou em carcere privado, assim como o seu representante legal e qualquer parente ou amigo, pôde, a todo o tempo, requerer ao juiz respectivo que, procedendo ás investigações necessarias, a ponha immediatamente em liberdade se fôr caso d'isso.

37.º E' licito a todos os cidadãos resistir a qualquer ordem que infrinja as garantias individuaes, se não estiverem legalmente suspensas.

38.º Nenhum dos Poderes do Estado pôde, separada ou conjuntamente, suspender a Constituição ou restringir os direitos n'ella consignados, salvo nos casos na mesma taxativamente expressos.

Art. 4.º A especificação das garantias e direitos expressos na Constituição não exclue outras garantias e direitos não enumerados, mas resultantes da forma de governo que ella estabelece e dos principios que consigna ou constam de outras leis.

## TITULO III

### Da Soberania e dos Poderes do Estado

Art. 5.º A Soberania reside essencialmente em a Nação.

Art. 6.º São órgãos da Soberania Nacional o Poder Legislativo, o Poder Executivo e o Poder Judicial, independentes e harmonicos entre si.

## SECÇÃO I

### Do Poder Legislativo

Art. 7.º O Poder Legislativo é exercido pelo congresso da Republica, formado por duas camaras, que se denominam Camara dos Deputados e Senado.

§ 1.º Os membros do Congresso são representantes da Nação e não dos collegios que os elegem.

§ 2.º Ninguém pôde ser ao mesmo tempo membro das duas camaras.

§ 3.º Ninguém pôde ser Senador com menos de trinta e cinco annos de idade e Deputados com menos de vinte e cinco.

Art. 8.º A Camara dos Deputados e Senado são eleitos pelo suffragio directo dos cidadãos eleitores.

§ unico. A organização dos collegios eleitoraes das duas camaras e o processo de eleição serão regulados por lei especial.

Art. 9.º O Senado será composto de tres Senadores, eleitos em lista de dois nomes, por cada districto do continente e das ilhas adjacentes e um por cada provincia ultramarina.

**Alteração—Art. 9.º** O Senado será constituído por tantos Senadores quantos resultem da eleição de tres individuos por cada districto do continente e das ilhas adjacentes, e de um individuo por cada provincia ultramarina.

§ unico. Para a Eleição dos Senadores, em cada um dos districtos do continente e ilhas adjacentes, as respectivas listas conterão apenas dois nomes.

**Art. 10.º** Para a eleição da Camara dos Deputados e do Senado, os collegios eleitoraes reunir-se-hão por direito proprio se não forem devidamente convocados antes de finda a legislatura e no praso que a lei designar.

**Art. 11.º** O Congresso da Republica reune, por direito proprio, na capital da Nação, no dia 2 de dezembro de cada anno. A sessão legislativa durará quatro mezes, podendo ser prorogada ou addiada sómente por deliberação propria tomada em sessão conjuncta das duas Camaras. Cada legislatura durará tres annos.

**Art. 12.º** O Congresso poderá ser convocado extraordinariamente pela quarta parte dos seus membros ou pelo Poder Executivo.

**Art. 13.º** As duas Camaras, cujas sessões de abertura e encerramento serão nos mesmos dias, funcionarão separadamente e em sessões publicas, salvo deliberação em contrario.

As deliberações serão tomadas por maioria de votos, achando-se presente, em cada uma das Camaras, a maioria absoluta dos seus membros.

§ unico. A cada uma das Camaras compete verificar e reconhecer os poderes dos seus membros, eleger a sua mesa, organizar o seu Regimento interno, regular a sua policia e nomear os seus empregados.

Artigo novo—As sessões conjunctas das duas Camaras serão presididas pelo mais velho dos seus Presidentes.

**Art. 14.º** Os Deputados e Senadores são inviolaveis pelas opiniões e votos que emitirem no exercicio do seu mandato. O seu voto é livre e independente de quaesquer insinuações ou instruções.

**Art. 15.º** Durante o exercicio das funcções legislativas, nenhum membro do Congresso poderá ser jurado, perito ou testemunha, sem auctorisação da respectiva Camara.

**Art. 16.º** Nenhum Deputado ou Senador poderá ser ou estar preso, durante o periodo das sessões, sem previa licença da sua Camara, excepto em flagrante delicto a que seja applicavel pena maior ou equivalente na escala penal.

(Continua)

## ABC Illustrado

FOR

### ANGELO VIDAL

#### UMA RECITA

DO

## "ROBERTO DO DIABO"

(CONCLUSÃO)

Estava-se no vestibulo da cathedral de Palermo. A' esquerda, um nicho e uma imagem de Nossa Senhora, como indicio de ser logar de asylo. A madona protectora salvava os infelizes, que a justiça humana agredisse. Roberto entra correndo, perdido, em desordem, como louco: o principe de Granada, seu rival, venceu-o no combate.

## SECÇÃO LITTERARIA

### UM NAMORO AO TELEPHONE

#### Imitação do inglez

(CONTINUAÇÃO)

D'esta vez Polycarpo devorou tão farto almoço que o coração da sr.ª Dorothea se encheu de orgulho.

Nada como o bem cosinhado, pensou ella, e sorriu-se com complacencia. Mas pela primeira vez da sua vida, enganou-se nos seus calculos quanto á quantidade do menu.

Polycarpo — (Porque razão lhe poriam os paes semelhante nome, ninguem o sabia)—passou um dia feliz na praça de Commercio, e voltou a casa em paz consigo mesmo e com o mundo em geral.

E' um pensamento agradável, conhecer que se está namorado! verdadeiramente, realmente namorado—especialmente quando um homem começa a pensar que fica solteiro. Por isso Polycarpo jantou e enroscou-se no sofá com um romance novo e um charuto velho. Pouco depois, cahiu-lhe o livro da mão, e achou-se pasmado para o telephone.

Coisa maravilhosa! Bastava-lhe atravessar o quarto e vêr o numero e ouviria a mais linda voz do mundo! Quanto mais pensava nessa voz, mais amava... a dona d'ella. Na bolsa, luctando com os quinhoeiros refractarios, a memoria d'uma voz macia, mimosa, dizendo-lhe suavemente:—Bons Dias, sr. Polycarpo dos Anjos, e, tê-lo-ia feito feliz.

E elle ouviria essa voz, outra vez, amanhã e depois de amanhã—talvez todos os dias... para sempre. Sómente esse tratamento não seria tão cerimonioso, mas mais intimo.

Tinha pensado tanto naquella voz, que quasi esquecera a propria Alda. Agora estava-se recordando d'ella com o seu traço elegante e os seus bonitos olhos azues claros, faces rosadas e cabello louro anelado.

E de repente, desejou que o cabelo fosse menos louro, que não parecesse com uma atriz do theatro da Avenida. Esse cabelo nunca rivalisaria com a voz. Parecia-lhe até que esse cabelo prejudicava a voz, essa linda suavissima voz, a voz da menina com que elle desejava casar. As afecções contraídas em estações balnearias sem extranhezas e caprichos, e ás vezes nada significam. Mas isso é por excepção. Por tanto com um relance d'olhos final para o instrumento do Destino, Polycarpo enfiou felicissimo pela cama abaixo.

Todas as manhãs nos dez dias seguintes Polycarpo tinha uma conversação com Alda da Silveira umas vezes longa outras vezes breve, umas vezes delectosa, outras um pouco extravagante até enigmatica. Pareciam em certos

—Sorte fatal! exclama. Até a minha espada me atraçou na justa! Tudo hoje quer perder-me!

—Excepto eu, eu, que te quero tanto! diz Bertran. Tu quebraste o mysterioso ramo de cypreste, que devia unir-te á tua namorada, e a estas horas já ella é do teu rival!

—Que meio ha de tiral-a dos seus braços? diz!

—Apenas um se offerece á tua vingança! responde Bertran com entono sinistro.

—Venha lá esse! diz Roberto.

—Faze ajuste commigo de seres dos nossos, e vamos já d'aqui ao tabellião, porque ha morrer e viver, e não conheço coisa melhor do que o preto no branco!

—Com tanto que me eu vin-gue!

casos não se comprehenderem bem.

No fim d'esse tempo elle vivia na expectativa d'alguns minutos preciosos em que pudesse escutar a voz que adorava.

Estava desesperadamente apaixonado e gloriava-se d'isso.

Final depois de rogos freneticos, Alda consentiu em ir tomar chá com elle na Pastelaria Moreira na rua do Ouro. Sua mãe, quanto não estivesse assás restabelecida para ficar só, não podia ainda receber visitas, por isso determinou ir ter com elle á pastelaria, levando uma prima sua para a acompanhar.

Polycarpo custou-lhe a pronunciar com voz de agonizante:—Muito bem!... A' entrada da pastelaria... ás 4 e meia—Não conheço já muito bem a figura de v. ex.ª. Foi num dia só que nos vimos... Mas é claro que eu hei-de reconhecê-la. Bem, até ás horas de chá. Au revoir.

Dizendo isto, largou o telephone e atirou as suas duas chinellas de banho ao ar com um grito de folgaseiro.

—Sr.ª Dorothea, rugiu elle, senhora Dorothea, hoje... hoje... hoje vae ella tomar chá commigo!

A tia Dorothea apanhou uma das chinellas no ar, passou-lhe a mão por cima como uma caricia sorrindo parvamente.

—Sim meu amo, sim meu amo... é hoje que ella vae.

Vinte minutos depois das 4 horas d'essa tarde de inverno, o sr. Polycarpo dos Anjos saltava d'um carrinho para a pastelaria, com um sentimento de curiosidade e um certo tremor nos joelhos. Percorreu com os olhos toda a rua do Ouro mergulhou na pastelaria, olhou novamente em torno e irrompeu por alli dentro.

—Onde deveria elle esperá-la. Dentro?—Podia ella entrar e sahir sem que elle a visse.

Estava muita gente a comer doces.

Ninguem adivinha o que fazem raparigas ladinas como Alda, ou talvez ella alterasse a hora, ou a esquecesse. Ella tinha ás vezes tanta falta de memoria nas recordações que elle lhe despertava. Nada... iria esperá-la da parte de fóra, exactamente junto ao rotulo que recommenda pastilhas de hortelã-pimenta. Era um rotulo tão bonito. Alli ficou primeiro num pé, depois n'outro, depois ainda em ambos. Achando-se mais commodamente em um, escolheu o direito. Nessa mesma occasião parou á porta um cabriolet e uma menina com um enorme chapéu preto sahio d'elle, e entrou na pastelaria. Os joelhos de Polycarpo tremelavam, e quasi cambaleando a travéz do passeio lateral levantou a cara para encara a menina.

Não era Alda.

Murmurando uma desculpa, voltou ás pastilhas d'hortelã-pimenta e cada cabriolet que parava cada pessoa que se approximava da porta faziam passar um fremito galvanico pelo rächis do pobre Polycarpo.

Passavam já 27 minutos. Era

—Acceitas?

—Acceito.

—Vamos ao tabellião!

Vão para sahir, ouvem-se canticos religiosos, que partem da egreja. Roberto pára, escuta, e demora-se, ao recordar-se de que era aquella a toada melancolica e singela, que elle ouvia na infancia, quando sua mãe resava as orações da noite.

—Oh! Vae-te! diz Roberto. Vae-te, Bertran! Tu és o meu inimigo!

—Não digas despropositos! Ser teu inimigo, eu, que não gosto de ninguem senão de ti!

—Mas, quem és tu, Bertran?

—Quem sou eu! Pois não o adivinhas?! Não tens ouvido aquella canção da Normandia, que diz assim:

Nascêra na Normandia  
Filha de Reis—, casta flôr.  
Bertha,—que a todos sorria,  
Mas a nenhum tinha amor.—  
De seu pae á côrte um dia  
Chega um fidalgo, que a mão  
Da nobre princeza queria—  
Ella,—pedra até então,—  
Tornada agora mulher,  
Dá-lhe inteiro o coração.  
D'onde é que o fidalgo vinha?  
Quem tanto poder lhe déra?  
Dizem que do inferno o tinhal...  
Que o proprio demonio era!!

D'esse fatal casamento  
Maldito um filho nasceu;  
Roberto o Diabo,—instrumento  
Das iras todas do ceu...  
A alegria num momento  
Troca em susto,—troca em dôr;  
Da choça ao palacio vae

E com fallar seductor,  
Rouba ao marido e ao pae  
Da esposa—e filha—o amor!  
Oh castas pombas da terra  
Fugi,—fugi de Roberto,  
Que o seu mel veneno encerra;  
E d'elle o inferno está perto!

—E então?

—Então, Roberto és tu, e o diabo sou eu!

—Tu és o diabo! Esta só pelo diabo! Que os diabos te levem!

—Imprudente! Sou o diabo, mas sou o principe a quem Bertha amou!

—Então és meu pae!

—Sou teu pae!

—E's meu pae!...

—Percebes agora, filho das minhas entranhas,—não, enganei-me, isto era bom que fosse tua mãe que

claro que se fazia muito tarde! Mas Alda tinha esse mau costume. Era sempre retardataria. Em Cascaes já o tinha feito esperar trez quartos de hora; mas os joelhos não lhe tinham então tremido como agora faziam.

Lá vem ella, exclamou.

Qual!.. Era outra vez engano. Era uma menina delgadinha muito elegante, com um casaco verde mauve e um grande chapéu de veludo tambem mauve, coberto de amores perfeitos.

Ella olhou de relance em torno, uma vez, casualmente, depois passou pela porta de rodizios e sahio. Vinte minutos para as 5.

Polycarpo suspirou, e descobriu que estava com uma vontade de tomar chá desesperada. Decididamente não era bonito, da parte d'ella. Devia ter sido pontual, no fim de quatro semanas. A's cinco menos um quarto percebeu que estava uma menina defronte d'elle mesmo ao pé do rotulo dos rebuçados d'ovos.

Era a menina de verde mauve. Estava evidentemente esperando por alguém tambem, e occasionalmente olhava para elle com uma expressão levemente maliciosa.

(Continua)

Oliveira Parreira.

## A AGUIA

—

Revista quinzenal illustrada

de litteratura e critica

Sae a 1 e 15 de cada mez e só publica inéditos.

Cada numero, 50 réis

## NOTICIARIO

**Agressão**—Ha dias, o nosso conterraneo José Balacó agrediu a sr.ª Maria de Zacharias, uma pobre mulher de mais de sessenta annos que ficou muito mal tratada.

O agressor já tem cadastro e, com justa razão, não merece sympathia aos seus conterraneos.

Muito desejamos que as auctoridades investiguem com todo o cuidado as circumstancias em que se deu a sua ultima proeza e que de maneira nenhuma o deixem impune, caso se averigüe que incorreu em responsabilidade criminal.

Uma agravante, pelo menos, milita contra elle—o ter batido numa pobre velha indefeza.

**Valle do Vouga**—Não está ainda marcado o dia para a inauguração do caminho de

ferro do Valle do Vouga, entre Aveiro, Agueda e Albergaria-a-Velha. Os trabalhos continuam com toda a actividade, o que nos dá a esperanza de que aquella inauguração se realizará dentro em breve.

—Na linha do Valle do Vouga, deu-se, ha dias, perto d'esta villa, um desastre que, felizmente, não teve tão graves consequências, como ao principio se suppoz.

A machina d'um comboyo de serviço sahio inesperadamente dos rails, lançando fóra os maquinistas que soffreram apenas algumas contusões. Os restantes trabalhadores não soffreram mais do que o susto.

Segundo ouvimos dizer o desastre foi devido ao facto da velocidade que o comboyo trazia ser exagerada.

No caso de ser assim, fazemos votos por que os machinistas da linha do Valle do Vouga jamais esqueçam este exemplo.

**Notas de 20.000 réis**—Prevenimos os nossos leitores de que os antigos notas de 20 mil reis são recolhidas nas agencias do Banco de Portugal até ao dia 5 d'outubro.

**Rendimento de predios**—Foi prorogado até 30 de setembro o praso para os proprietarios apresentarem as declarações sobre os rendimentos dos seus predios.

**Novo ministerio**—A' hora em que o nosso jornal entra na machina ainda nada se sabe de positivo sobre a constituição do novo ministerio. Corre o boato de que o sr. Dr. Manuel d'Arriaga, illustre presidente da Republica, chamará para presidente do Conselho o snr. Brito Camacho, ministro do governo provisorio.

**Cavallaria 8**—Desde 5.ª feira ultima, encontra-se instalado em Aveiro o regimento de cavallaria 8 que pertencia a Castello Branco e foi collocado naquella cidade pela ultima reforma do exercito.

Aveiro, como era natural, recebeu o seu novo regimento com manifestações de muito regosijo.

**Dr. Eduardo de Moura**—Pela Camara municipal foram concedidos ao nosso preso amigo e distincto medico d'esta villa, sr. dr. Eduardo de Moura, 30 dias de licença.

E com fallar seductor,  
Rouba ao marido e ao pae  
Da esposa—e filha—o amor!  
Oh castas pombas da terra  
Fugi,—fugi de Roberto,  
Que o seu mel veneno encerra;  
E d'elle o inferno está perto!

—E então?

—Então, Roberto és tu, e o diabo sou eu!

—Tu és o diabo! Esta só pelo diabo! Que os diabos te levem!

—Imprudente! Sou o diabo, mas sou o principe a quem Bertha amou!

—Então és meu pae!

—Sou teu pae!

—E's meu pae!...

—Percebes agora, filho das minhas entranhas,—não, enganei-me, isto era bom que fosse tua mãe que

**Fallecimento**—Falleceu na quinta-feira, repentinamente, em Aveiro, o sr. D. João de Almeida e Silva, que pertencia a uma familia illustre, e era empregado dos impostos naquella cidade.

Sentimos a morte inesperada do sr. D. João e apresentamos sinceras condolencias á sua ex.<sup>ma</sup> familia.

**Eleição presidencial**—Foi a seguinte votação dos diversos candidatos á presidencia da Republica: Dr. Manuel d'Arriaga, 121 votos; Dr. Bernardino Machado, 86; Dr. Duarte Leite, 4; Dr. Alves da Veiga, 1; e Dr. Magalhães Lima, 1.

**Correspondencias**—Temos alguns correspondentes a quem somos extremamente gratos, pelo interesse que tem manifestado pelo nosso jornal. Infelizmente, não temos tido occasião de manifestar-lhes a nossa gratidão, e, antes, temos incorrido em faltas, aliás involuntarias, que poderão ser interpretadas como menos consideração para aquelles nossos amigos. Cumpre-nos, por isso, declarar publicamente, que representará uma compensação para dois d'aquelles nossos obsequiosos correspondentes os srs. José Rodrigues Correia de Mello e Abel Pedro da Silva Abreu, que se não publicamos as suas ultimas correspondencias, foi *exclusivamente* por motivos que depõem contra a memoria de quem tem a seu cargo a respectiva secção.

Dadas estas explicações, que particularmente serão esclarecidas, pedimos desculpa áquelles nossos amigos.

**NOTICIAS PESSOAS**

**Estadas**

Esteve, na quinta feira passada, no Porto, o nosso presado conterraneo sr. Venancio Dias d'Almeida.

**Délivrance**

Teve, ha dias, a sua «délivrance», dando á luz uma gentil creança do sexo feminino, a estremosa esposa do sr. dr. Abilio Gonçalves Marques, distincto clinico na Costa de Vallado.

falasse—percebes agora, meu cavalheiro, a pressa que eu tenho de irmos lavrar a escriptura? A' meia noite, se não houvesse assentido a isto, perdia-te para sempre, a ti, meu filho! meu unico bem! Aqui tens este pedaço de pergaminho, e este punhal de fogo; assigna aqui o teu nome, e podes ir passear para onde quizeres!

Quando o mancebo estende a mão, Alice tira do seio o testamento da mãe de Roberto, em que elle lê pelos seus proprios olhos:

A minha ternura, oh! filho,  
Velá sobre ti do ceu!  
Foge da alma maldita  
Que na terra me perdeu!

A lucta torna-se horrivel para Roberto: de um lado, o diabo cae-

**DOS NOSSOS CORRESPONDENTES**

Lisboa, 31

A' hora em que escrevo, 5 da tarde, ha grande regosijo em toda a cidade, pela eleição do Presidente da Republica Portuguesa. Em frente do palacio das côrtes ha mais de 10.000 pessoas que levantam entusiasticos vivas á Republica, ao dr. Manuel d'Arriaga e a outros vultos do partido republicano. A policia, que é superiormente commandada pelo capitão Coutinho, não consente que ninguém esteja parado no meio da rua. Faz guarda d'honra o Regimento de Infantaria, e está postado desde o Largo até o Aterro o regimento de Cavallaria 2.

A's 4 e meia horas, quando o povo já começa a impacientar-se, foi avorçada a uma janella do edificio das côrtes a bandeira nacional, signal de que havia terminado a eleição do Presidente da Republica que recahiu no illustre cidadão, dr. Manuel d'Arriaga. Ouvindo-se a *Portuguesa*, estrelejarão algumas girandolas de foguetes e os vivas ao dr. Arriaga e a outros vultos do partido republicano succediam-se ininterruptamente.

O rapazio, encarrapitado nas arvores e até na estatua do grande José Estevão, acenava com os lenços e soltava vivas estrondosos. O entusiasmo chegou ao auge, quando assomou á varanda do palacio das Côrtes o dr. Manuel d'Arriaga, o venerando democrata que todos estimam e admiram pelo seu caracter e pelo seu talento.

Pouco depois, começaram a sahir os deputados que o povo saudava, accentuando-se as suas manifestações, quando sahiram os srs. drs. Theophilo Braga e Affonso Costa.

Quando o dr. Arriaga se retirava em automovel, um popular abeirou-se do vehiculo, e, pondo o pé no estribo, beijou a bella cabeça branca do nobre Presidente da Republica que saudava o povo, agitando para todos os lados o seu chapéu. O automovel, que conduzia o sr. dr. Manoel d'Arriaga, era acompanhado por um esquadrao de lanceiros 2. Quando o cortejo passou em frente da residencia do nosso amigo sr. Baeta Junior foi içada a bandeira republicana e subiu ao ar uma girandola de foguetes, acompanhada de muitos vivas e palmas. Durante todo o percurso do cortejo até Belem, houve o maior entusiasmo por parte dos manifestantes.

Chegado a Belem, o sr. dr. Arriaga foi muito eumprimentado.

D'aqui cumprimentamos tambem, muito cordealmente, o dignissimo Presidente da Republica.

—Fez, no dia 24, quatro annos a menina Rosalina Dias de Mello, galante filha da sr.<sup>a</sup> Emilia Dias a quem enviamos muitos parabens.

—Esteve, ha dias, nesta cidade, o illustre cidadão Antonio Simões Serrallheiro que já retirou para o Cartago.

—Tambem esteve na capital o cidadão dr. João Marques Vidal, juiz da Relação de Nova-Goa, tendo retrado já para Pedações, d'onde é natural.—*Melcias.*

Alquerabim, 31

Foi para as Pedras Salgadas o sr. Manuel Dias dos Reis, abastado proprietario e capitalista d'aqui, Acompanhou-o seu filho Antonio, alumno da Escola Academica de Lisboa.

—A chuva que cahiu estes dias, foi muito benefica á agricultura, tendo-se já semeado alguns nabacs.

—O preço do vinho e milho tem baixado, estando já aquelle por 700 réis e este por 600 reis os 20 litros. O azeite é que está carissimo, 440 reis o litro, e a entrada do estrangeiro para aqui de nada serve, porque se não pode vender a 280 reis como a lei ordena, porque custando a 250 reis, fica aqui por 320 reis com 20 reis de comboy e 50 reis de real d'agua.—C.

lhe aos pés; do outro, Alice mostra-lhe o ceu. Ouve-se um trovão: é meia noite! Meia noite! A terra abre-se, Bertran desaparece, Roberto cae aos pés de Alice. Ao longe musica, cantos c-lestes e religiosos: a igreja de Palermo abre as suas portas: os fleis enchem o templo, a princeza está na capella-mór, de joelhos com toda a corte; ao lado d'ella uma cadeira vaga, que é a de Roberto,—porque o rival com quem elle se batera não era o principe de Granada, mas um enviado do inferno, a quem Bertran incumbira o duelo na esperança de salvar o filho, tanto o diabo sabe ser bom pae! E' inutil dizer que a instrumentação d'este final tem o quer que seja, que dá ideia de um dia de eleições em que Satanaz tentasse vencer Deus. Os

**Verdades que... parecem mentiras**

**O beijo matrimonial**

Pensavamos nós—e temos a certeza de que não eramos os unicó—que o beijo entre marido e mulher era livre... e allodial.

Puro engano.

Segundo lemos n'um periodico estrangeiro, os maridos, na America, não podem beijar as mulheres quando muito bem lhes apetece.

A legislação americana admite varios motivos de divorcio que não figuram nos codigos europeus. Entre outros, o beijo, é um d'elles.

Um juiz de Jersey City, teve, ha pouco, de julgar a tal proposito, um caso intrincadissimo:—nada mais, nada menos do que o de uma senhora que accusava o marido de a beijar repetidas vezes contra sua expressa vontade—d'ella, é claro.

Ora querem v. ex.<sup>ma</sup> saber o que succedeu ao marido?

Foi condemnado em cerca de cem mil reis de multa e, além d'isso, no decurso do sermão do tal juiz, no a ouvir o qual o marido foi convidado a não beijar, de futuro, a esposa, sem ella lhe dar previamente o devido consentimento.

Mas ha mais e melhor.

Um outro juiz da mesma terra, que teve de julgar uma questão identica, obrigou o reu-marido a escrever pelo seu proprio punho e a assignar um documento, concebido nos termos seguintes:

«Eu, abaixo assignado, prometto e juro não beijar mais minha mulher senão dez vezes por dia—cinco de manhã e cinco de tarde; e no caso de me exceder, reconheço, por este documento, á minha dita mulher o direito de me citar perante os tribunaes, compromettendo-me a acatar submisso todas as consequencias do meu perjurio.»

Aviso aos maridos amorudos!

**O LUXO**

**CHRONICA DE LISBOA**

Novo e sensacional romance do mesmo auctorn de

**OS TRISTES**

e, como este, livro de critica, livro para recreio e para estudo, d'um realismo interessante.

O suggestivo titulo com que elle será apresentado, dispensa referencias á sua indole: o justo renome do sr. Barros Lobo é uma garantia do seu merecimento.

instrumentos de latão berram como almas no purgatorio: as rebecas dizem coisas malditas: a orchestra dá o ultimo arranco d'este drama do mal; as vozes dos anjos mal se ouvem, só o inferno é grande nesta opera, só o inferno é bello, só o inferno nos chama! Musica que faz mal á alma, como a traição de uma noiva. E' um mundo de ideias confusas: são gemidos em vez de suspiros: é o hymno da fatalidade...

O homem pequenino applaudia com entusiasmo. Os seus olhos redondinhos e scintillantes flamejavam de alegria. A impressão que lhe produziu o *Roberto do Diabo* foi tal, que elle esqueceu-me no fim, e já ia a sahir de braço dado com o sujeito que o acompanhava, quando en, tocando-lhe levemente no hombro, lhe perguntei:

**Curiosidades**

**Caldeirão em Alcobaça**

No convento de Alcobaça existiu 449 annos o celebre caldeirão, chamado de Alcobaça, tomado em 14 de agosto de 1385 a D. João I, de Castella, na gloriosissima batalha de Aljubarrota, por Gonçalo Rodrigues, que por isso se ficou appellidando, desde então *Caldeira*.

Diz-se que no tal caldeirão, que era de cobre, se podiam cozer quatro bois de cada vez!

O grande caldeirão com dois mais pequenos, todos tomados aos castelhanos em Aljubarrota, foram dados ao convento de Alcobaça por D. João I.

Um dos mais pequenos foi mandado por os frades para o seu lagar de azeite de Fervença, contornos de Alcobaça.

O outro mais pequeno foi collocado por os frades no forno do convento, e ha pouco mudado para a casa chamada dos Reis, para não desaparecer como aconteceu ao grande em 1834.

O grande era de metal muito fino e estava no claustro para assim poder ser visto facilmente, e batendo-se-lhe com uma pedra o som cobria o repique de todos os sinos.

Era de tão extraordinaria grandeza, que, quando servia na cozinha do rei de Castella, faziam n'ella comida (a que chamavam *badulaque*) que chegava para 293 pessoas.

**O convento de S. Francisco em Bragança**

O convento de S. Francisco, pelas chronicas e memorias dos frades franciscanos, consta ter sido o segundo convento do paiz, fundado pelo proprio S. Francisco em 1214, quando, cumprido um voto, voltou por esta provincia, havendo-lhe sido doado o terreno para o edificio pela familia dos Moraes e Castros.

Por muito tempo uma capella que havia, com a invocação de Santa Catharina, serviu de igreja ao convento; mas depois, d'essa capella foi feita a casa do capitulo para a comunidade e ahi se erigiu o jazigo para os doadores.

Em 1728 o convento soffreu um incendio; porém em 1800, pelas diligencias do general Sepulveda, que governava então a provincia, foi reedificado, á custa da ordem e d'alguns devotos que concorreram com muitas e valiosas esmolas.

**A Corte de Junot em Portugal**

Historia Nacional por Rocha Martins

**A Deshonra**

ROMANCE POR

D. João de Castro

—Então o segredo?

—Ah! O segredo! Pois bem, eu lh'o digo, mas veja bem se me perde! O heroe da historia... Ricardo...

—Que mais?

—Sou eu!

—O senhor!

—Eu proprio.

—Nesse caso, como é que me disse, ha pouco, haver sido fulminado pela colera do Eterno?

—E fui; e sou, e ajuda hei-de ser mais. Se quizer saber tudo, procure-me amanhã. Que de particularidades posso contar-lhe! Que de mysterios, a que levante o veu! Eu rasguei a alma no mundo, meu amigo; quando a gente se rasga num prego, trata de se coser;—quando se rasga no mundo, é a mesma coisa! ando a coser-me!

—Anda a coser-se?

**REGISTO BIBLIOGRAPHICO**

DA

Livraria Central de Gomes de Carvalho

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

*Album das glorias: Homens de Estado, poetas, jornalistas, dramaturgos, actores, politicos-pintores, medicos, industriaes, typos, etc.* Texto de João Rias, to e João Ribaixo (Guilherme d'Azevedo e Ramalho Ortigão). Desenhos de Raphael Bordalo Pinheiro, lithographias de Justino Guedes. Tudo que publicou, 2\$500 réis.

(D'ocasião)

*Amores novos.* Versos por Henrique Trindade Coelho. 1 vol., 400 réis.

*Amorosas.* Dez contos, em prosa, de Rabelais (Alfredo Gallis). 1 vol., 600 réis.

*Anna Karénine*, par Léon Tolstoi. Introduction par Emile Faguet, de l'Académie française. 2 vol. illustr., rel. 600 réis.

*Breves noções do Espiritismo e dos seus principios e ensinios.* Coordenadas e editadas pela Redacção da Revista Psychica «A Luz da Verdade». 1 vol., 250 réis.

*Cancion de Cuna.* Comedia en dos actos, por G. Martinez Sierra. 1 vol., 700 réis.

Representada por primera vez en el *Teatro Lara*, de Madrid, el 21 de Febrero de 1911.

*Cartas de um japonéz.* (De Lisboa para Tokio). Critica de um oriental ácerca do nosso paiz, por Alfredo Gallis. 1 vol. 500 réis.

**INSTRUÇÃO PRIMARIA**

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes os programma de 1902

POR

ALVARO M. MACHADO

Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade e professor efectivo do Lyceu D. Manuel II

A. A. FLORES LOUREIRO

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo lyceu.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

—Ando a coser-me, sim! Aqui está o meu *adresse*: dê-me, amanhã, o prazer de almoçar commigo; rirem-se muito! A vida humana é uma pantomima atroz. Não é o diabo que nos quer perder, é o mundo. Bertran, é a sociedade! Quando se acaba de assistir a uma recita d'esta opera, devia cada um ir para casa matar-se. E' verdade que o suicida é um desertor e quem sabe se será condemnado a completar o seu tempo em outro corpo?

Esta ultima ideia produziu-me uma impressão estranha. Elle apertou-me a mão e sahiu. Na manhã seguinte fui prócural-o; estavam a mettel-o numa sege quando eu cheguei; levavam-o para Rilhafolles. Estava doido desde a vespera!

JULIO CESAR MACHADO.



# A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

## Manuscrito das Escolas Primarias

por **Angelo Vidal**

Edição da *Livraria Fernandes*

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O *Manuscrito das Escolas Primarias*—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alquem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da *Vitalidade* de 17 d'outubro, 1908).

## A FAMILIA MALDONADO

por **VIEIRA DA COSTA**

## OS TRISTES

por **FRANCISCO BARROS LOBO**

*Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.*

## ANGELO VIDAL

## A B C ILLUSTRADO

por **ANGELO VIDAL**

A' venda em todas as livrarias.

2.<sup>a</sup> edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:—Colleção de 12 quadros em papel, 306 reis. Colleção de 12 quadros collados em cartão—27300 reis.

## LÉON TOLSTOI

**A Clero.** A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

**O que é a religião?** Tradução de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

**Pão para a bocca.** Origem do mal. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

**Razão, fé, oração.** Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

**(O Bom senso do) A Razão dum Padre.** Tradução de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

**Atravez das edades.** Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

**O Seculo e o Clero,** por João Bonança 2.<sup>a</sup> edição. 1 vol., 300

**A mentira religiosa,** por Max Nordau. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol., 100

## LIVRARIA CENTRAL DE

Gomes de Carvalho, editor  
158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

## SCIENCIA E RELIGIAO

Traduzida da 3.<sup>a</sup> edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação em forma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genese e cohesão das religioes especiaes da christã, projectando uma luz nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fór a sua opiniao e a sua crença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 réis

## Bibliotheca Humoristica

## A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

## PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.—32 paginas—50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.<sup>o</sup> volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeracao seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... se guir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, enfim, a reacção em todas as suas manifestações; e estas «A Moral» e a «Litteratura»; de pois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracteris-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A' venda em todas as Livrarias

## LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

### Ultimas publicações:

## MANUSCRITO

DAS

## ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

**Desenho Geometrico dos Lyceus,** para as 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> classes, por Angelo Vidal.

### A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

## Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

## PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da *Livraria Central*, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Praia, 160, LISBOA.

## GRAMMATICA ELEMENTAR

## LINGUA PORTUGUEZA

PARA USO DOS ALUMNOS

D'INSTRUCCAO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

por **ALBANO DE SOUZA**

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Tem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

**PROGRAMMAS D'INSTRUCCAO PRIMARIA**—Com modelos para requerimentos de exames de instrução primaria. BROCHADO 60 REIS.

**TABOADA** e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.<sup>a</sup> 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classes de Instrução Primaria, por A. M. F.

3.<sup>a</sup> edição. . . 400 reis

# CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:  
R. de S. Miguel, 36--PORTO

### ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal—anno . . . . . 1\$200  
—semestre . . . . . 600  
Africa —anno . . . . . 1\$500  
Brazil—anno—(moeda forte) . . . . . 2\$200

### PUBLICAÇÕES

Anuncios, por cada linha . . . 10 reis  
Communicados, cada linha . . . 20 »  
—  
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.  
—  
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

# CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Cam. Int.

4.º ANNO—N.º 33